



OS SENHORES DE ROMA

# AVGVSTO

ALLAN MASSIE

OS SENHORES DE ROMA

# AVGVSTO

ALLAN MASSIE

TRADUÇÃO  
FLAVIA SAMUDA



**COPYRIGHT © ALLAN MASSIE, 1993  
ALL RIGHTS RESERVED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.*

Diretor editorial: **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**

Preparação: **GABRIELA ÁVILLA**

Revisão: **THAÍS ENTRIEL**

Capa: **RENATO KLISMAN | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Projeto gráfico e diagramação: **CRISTIANE | SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Massie, Allan 1938-

Augusto / Allan Massie ; tradução de Flavia Samuda. —  
São Paulo: Faro Editorial, 2021.

352 p. (Os Senhores de Roma)

ISBN: 978-65-5957-003-4

Título original: Augustus

1. Ficção inglesa 2. Augusto, Imperador de Roma, 63  
A.C. - 14 D.C. - Ficção I. Título II. Samuda, Flavia III. Série

21-1852

CDD 823.914

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa



2ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310

Alphaville - Barueri - SP - Brasil

CEP: 06473-000

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)



## PREFÁCIO

**N**ADA NOS ÚLTIMOS TEMPOS DESPERTOU TANTO INTERESSE E CAUSOU tanta especulação quanto a descoberta, no Mosteiro de São Cirilo e São Metódio, na Macedônia, em 1984, da até então autobiografia perdida ou, também conhecida como, *Memórias do Imperador Augusto* \*\*. Acreditava-se que o livro, mencionado por Suetônio e por outros escritores da Antiguidade, estivesse irremediavelmente perdido para todo o sempre. A cópia, encontrada durante trabalhos de restauração do Mosteiro, parece ter sido feita no começo do século XIII, possivelmente por algum dignitário franco durante o breve e vergonhoso Império Latino estabelecido depois da Quarta Cruzada, em 1204.

Certamente as circunstâncias da descoberta comprovam esta teoria, porque a cópia foi escrita no latim original e não em uma tradução em grego, como seria de esperar; além disso, foi encontrada no que se supõe ter sido uma cela de prisão ou mesmo uma câmara de execuções (uma vez que também foi descoberto nela o esqueleto de um homem no começo da meia-idade), emparedada e isolada do mundo exterior. Foi sugerido que a cópia fora feita para justificar a ocupação latino-franca e que a decisão grega de encarcerá-la, na verdade emparedá-la, junto com o dignitário responsável por ela, tinha um humor maligno, característico dos bizantinos. Tudo isso, no entanto, não passa de uma especulação irrelevante para o meu propósito presente e para o conteúdo do manuscrito.

---

\* Para um exame minucioso da origem e do significado do manuscrito, ver A. Fraser-Graham: “Augustus: an Essay in Late Byzantine Detection”, em *Journal of the Institute of Classical Studies*, vol. VII.

Para começar, no entanto, era preciso comprovar a autenticidade do documento. Isto foi feito por um grupo de especialistas que deram, o que é extraordinário, parecer unânime. O representante britânico foi o ilustre historiador que é Mestre do Michaelhouse College, em Cambridge. Ele afirmou categoricamente:

— Um rápido exame da cópia do manuscrito já dissipa qualquer dúvida sobre a sua autenticidade. É obviamente o trabalho do Imperador Augusto e, como tal, uma contribuição ímpar para o nosso conhecimento da Antiguidade.

A reputação internacional do mestre é tamanha que ninguém pode questionar sua autoridade. O leitor deve, portanto, ficar descansado: estas são realmente as Memórias de Augusto, traduzidas para o inglês a pedido do Comitê Editorial Internacional pelo novelista e historiador Allan Massie, autor de um primoroso, apesar de derivativo, estudo sobre os Césares (Secker & Warburg, 1983).

Alguns estranharam a escolha de um novelista para fazer a tradução, e com uma razão quase irrefutável. A decisão, entretanto, foi baseada na natureza das próprias Memórias, que apresentam muitos diálogos, cenas dramáticas e apresentação comovente dos personagens. Alguns também podem achar que a versão de Massie é, na verdade, no caso, picante demais, cheia de gírias modernas (ou talvez a gíria de duas ou três décadas atrás) e que se ressentem da determinação novelística de tornar a linguagem do imperador sempre vivaz. Devo confessar que compreendo estas críticas; em defesa do nosso tradutor, só posso dizer que o latim do próprio Augusto é cheio de expressões nunca antes encontradas na literatura clássica e que o estilo das Memórias vai do extremamente coloquial a trechos de uma beleza serena e formal.

O fato de que as Memórias são de extraordinário interesse nem é preciso mencionar. Meu objetivo aqui é meramente o de guiar o leitor ignorante do labirinto da História romana, ou aquele cujo conhecimento a respeito foi adquirido somente por meio das representações frequentemente ridículas da grandeza que era Roma oferecidas pelo cinema e pela televisão.

As Memórias compreendem dois livros escritos em diferentes períodos da vida de Augusto. Juntos, eles apresentam uma cronologia razoavelmente coerente, visto que o segundo livro começa aproximadamente onde o primeiro termina.

A atmosfera dos dois, no entanto — é justo que o leitor seja avisado —, é diferente. O primeiro é autoconfiante, exuberante, uma história de triunfos. O segundo é muito mais sombrio. Não se pode negar que o primeiro é mais divertido, porque é variado e empolgante. Contudo, devo confessar que, para mim, é a segunda parte das Memórias, onde o imperador, preocupado, reflete sobre o curso da sua vida, procura descobrir o seu sentido e tenta organizar uma filosofia própria, que eu considero a mais atraente em sua intensidade. Sabemos, por meio de Suetônio, que em seu leito de morte Augusto perguntou:

— Como representei o meu papel nesta comédia da vida?

Agora vemos que não se tratava simplesmente de um capricho final e que esta mesma pergunta atormentou os últimos anos da sua vida. Trata-se também de uma séria advertência para todos nós o fato de este grande romano entre os grandes ter se sentido em muitos aspectos irrealizado, até mesmo um fracassado. Todos os que se interessam pelo significado e efeito do poder sobre o caráter lerão avidamente estas páginas desiludidas e sutis!

O Livro I é dedicado a Caio e a Lúcio, netos do imperador, filhos de Júlia, sua filha, e do grande general Marco Vipsânio Agripa. Ele os adotou e educou como *Principes Iuventutis* (Príncipes do Movimento da Juventude); sua intenção era torná-los seus sucessores. O livro foi, portanto, moldado para estes leitores seletos. Não é possível datá-lo com exatidão, mas parece possível supor, levando-se em conta o tom e o conteúdo, que foi escrito (na verdade, ditado a escravos ou homens livres) por volta de 7 ou 6 a.C.: Caio, que era três anos mais velho do que Lúcio, teria 13 anos em 7 a.C. Entretanto, ele inclui algumas páginas — as que narram a sua reação diante da notícia do assassinato de Júlio César — que parecem ter sido escritas antes. Sabe-se também — e ele confirma isto no texto — que Augusto trabalhou num fragmento de autobiografia durante sua campanha na Espanha, em 24 a.C., e partes deste livro anterior parecem ter sido incorporadas ao texto das memórias escritas para os seus netos. Com efeito, em certas passagens, ele parece menos consciente de dirigir-se a seus netos como leitores. É pouco provável também que o próprio Augusto tenha feito a revisão completa de qualquer uma das partes das suas Memórias. A forma com que chegaram até nós deve-se um pouco, sem dúvida, a seus secretários ou agentes literários.

Talvez não, porque o Livro I é interrompido abruptamente, apesar de não haver razão para terminá-lo com a derrota de Marco Antônio. Na verdade, parece que seria mais indicado terminar o livro com a comemoração do Triunfo de Augusto, em 29, mas isto só é relatado no segundo capítulo do Livro II. Supõe-se, então, que o Livro I tenha sido interrompido em razão dos infortúnios massacrantes que afligiram Augusto a partir de 5 a.C. e que são registrados de forma comovente nos capítulos finais do Livro II. Parece-me conveniente restringir minhas observações, que serão retomadas com um prefácio editorial ao Livro II, quando o leitor já terá tido a oportunidade de desfrutar a alegre animação contida na carta do imperador a seus amados netos. O Livro I nos oferece essencialmente isto: a oportunidade de ouvir Augusto se dirigindo aos dois meninos; e, portanto, é também um convite à intimidade, convite este raro, quase sem paralelo em nossas leituras sobre a Antiguidade.

Uma observação final: as datas apresentadas nesta introdução e no texto obedecem ao sistema atual. Isto é pouco acadêmico. Augusto, naturalmente, datava os acontecimentos *a.u.c.* (*ab urbe condita*: a partir da fundação da cidade). Massie, no entanto, solicitou que empregássemos o sistema a.C. e d.C., argumentando frivolamente que “todos entendem este sistema que parece menos distante”. Protestei contra este absurdo, mas finalmente cedi, com relutância, embora, quando o editor juntou seus apelos aos do tradutor.

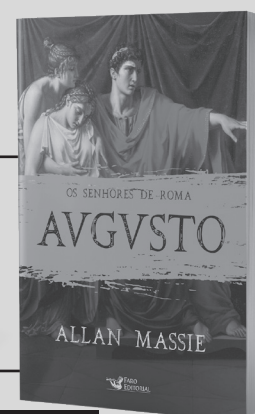
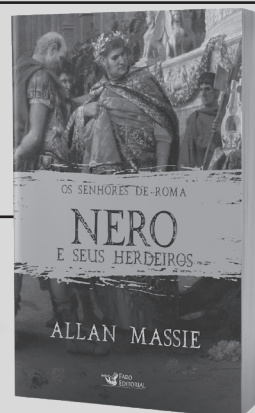
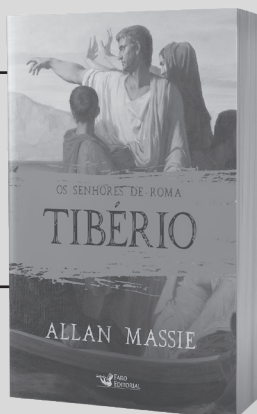
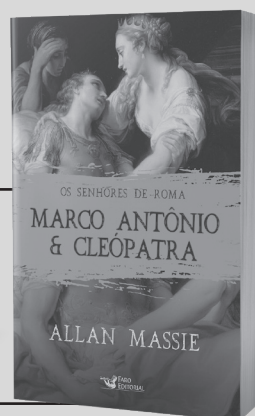
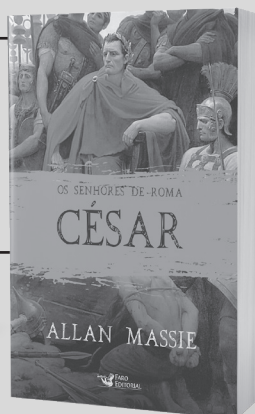
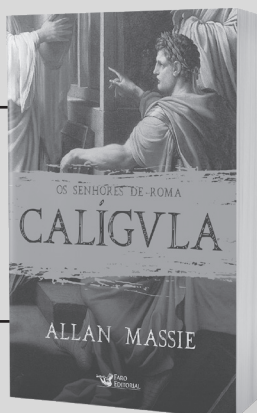
Entrementes, *Princeps ipse loquatur!*: que fale o imperador!

AENEAS FRASER-GRAHAM

ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS

[WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR](http://WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR)

COLEÇÃO “OS SENHORES DE ROMA”



ESTE LIVRO FOI IMPRESSO  
EM JUNHO DE 2021